VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

CIPRIANO E AS IMAGENS AGENCIADORAS DO SERTÃO: UM OLHAR SOBRE OS DISCURSOS IDENTITÁRIOS NO PIAUÍ*

Jose Luís de Oliveira e Silva*

O presente trabalho analisa as formas através das quais o longa-metragem *Cipriano*, aceito como sendo a primeira produção piauiense no gênero, significa o universo sertanejo e como esses significados dialogam com as estereotipias que historicamente se fizeram referências para pensar o sertão. Por se tratar de uma pesquisa ainda em andamento, fiz a opção por apresentar o objeto e a problemática que move a mesma, bem como as fontes que lhe dão suporte (o filme, jornais impressos, programas de TV e Rádio, cartazes, material de divulgação em festivais). A utilização de um universo tão amplo de fontes denuncia um trabalho realizado a partir de um conceito mais amplo do que vem a ser o Cinema: na pesquisa, o Cinema não foi confundido ou ficou restrito penas ao filme, más, ao contrário, englobou todo o universo que cerca a produção e que ajuda a compor uma opinião, uma expectativa, em relação à mesma.

---

* O texto faz parte de tese de doutoramento em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Professora Dr.ª Libertad Borges Bittencourt. A pesquisa conta com o financiamento da CAPES.

* Licenciado em História pela Universidade Estadual do Piauí. Especialista e Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI. Atualmente desenvolve pesquisas que envolvem História, Ensino e linguagens, em especial a cinematográfica, com concentração nos estudos imagéticos do sertão. E-mail: jlclio@yahoo.com.br

ISBN: 978-85-98711-10-2

Partindo da premissa de que as identidades só são motivo de debates quando estão em crise e há a necessidade de (re)afirmá-las, questionou-se: que indícios o fervor de discussões identitárias realizadas através da imprensa local e que tomou como mote o filme *Cipriano* durante o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 trazem acerca do momento, à época, vivenciado pela cultura piauiense? O que esses discursos podem revelar da forma como o piauiense, ou uma parcela desse amplo universo de indivíduos assim nomeados, constrói sua própria imagem? Indo além dos discursos estruturados ao redor do filme, este exercício investigativo ajudou a problematizar os mecanismos de construção e agenciamento dos dizeres identitários no Piauí a partir do lugar e da época em que os mesmos estiveram em evidência.

Os discursos identitários construídos em torno do filme *Cipriano* dialogam com sentimentos e expectativas que parece há muito já serem sentidos na cultura piauiense. Esses discursos, multiplicados incessantemente na imprensa local, transitaram pelos temas mais diversos como, por exemplo, as possibilidades de "consolidação [de uma] produção audiovisual genuinamente piauiense"[1] ou os impactos da propalada *Retomada* do cinema brasileiro na produção cinematográfica do Piauí.[2] Esses mesmos discursos agenciaram sentimentos opostos e muitas vezes complementares: ora estimularam a elevação da autoestima da população, afirmando que o filme em questão "busca nossa identidade cultural fazendo surgir no Estado o orgulho de ser piauiense"[3], ora exteriorizaram um ressentimento que parecia já vir sendo construído e fortificado há décadas e que denunciaria ser o Piauí a parte esquecida e marginalizada pelo restante do país.[4] A oposição entre esses sentimentos acabaram por estruturar as marcas identitárias locais sob uma verdadeira "retórica

[1] ALVES, Katiúscia. Luz, câmera: cinema piauiense em ação. In: *Jornal O Dia*. Caderno Metrópole. Teresina, 29 de janeiro de 2006, p. 4.

[2] Um bom exemplo desse tipo de relação que se buscou estabelecer entre a fase em que vivia o cinema brasileiro e a possibilidade de realização do primeiro longa-metragem do estado pode ser encontrada no artigo *E o cinema do Piauí?* assinado pelo editorial do Jornal Meio Norte e publicado no dia 5 de fevereiro de 1999.

[3] JALES, Suzane. Cipriano, o filme. In: *Revista Detalhes*. Teresina, 1998, p. 19.

[4] A volta por cinema do filme Cipriano. In: *Jornal Diário do Povo*. Capa do Caderno Galeria. Teresina, 15 de fevereiro de 2001.

ISBN: 978-85-98711-10-2

vitimológica"[5] que se traduziu na tríade "abandono-isolamento-atraso"[6] e que faz ver no espaço sertanejo as origens da comunidade cultural imaginada para o piauiense.

O filme sobre o qual incide a maior atenção desse trabalho foi lançado em 2001. Dirigido pelo piauiense Douglas Machado, contou com uma equipe de atores e patrocinadores regionais. *Cipriano* é ambientado no sertão do Piauí e gira em torno do que se imagina ser a imagem de uma típica família sertaneja, com personagens que, embora fictícias, são geralmente tomadas como modelos imagináveis de sujeitos reais: um patriarca viúvo, que, antes de se encontrar impotente no leito de morte, era vaqueiro de profissão; Abigail, filha mais velha; e Vicente, filho mais novo, que carrega visíveis distúrbios mentais e que se tornara órfão de mãe durante o seu nascimento.

É interessante destacar que a composição de cada personagem parece passar, essencialmente, pela construção e significação dos seus corpos e que estes corpos são fundamentais não apenas para a narrativa do filme, mas para a própria construção imagética daquela que seria a maior personagem da história: o sertão. Vicente tem o corpo e a mente incontroláveis até a morte do seu pai (cuja memória é recusa durante toda a narrativa). É a narrativa em *off* da personagem Vicente que guia o espectador. Cipriano, ao contrário, tem um corpo forte, contido, seco, literalmente mudo. Além desse núcleo central, existe ainda um grupo de rezadeiras, as quais, durante todo o filme, invadem as cenas para rezar/cantar incelências e benditos – práticas que na cultura oral do sertão piauiense cumprem a função de "encomendar" a alma dos mortos em sua passagem para o além. Fecham o grupo de personagens os Demônios e a Morte, materializados em corpos humanos, que aparecem em sonhos ao velho vaqueiro.

O roteiro do filme resume-se à narração teleológica de cinco sonhos da personagem Cipriano e cuja sequência e temáticas, como afirma a voz em *off* de seu filho, "nos levam à sua morte como frases escritas". Como se pode perceber, as temáticas, personagens e situações recorrentes na produção podem ser configuradas em campo fértil para uma análise mais atenta do historiador. Entre as potencialidades investigativas que emergiram a partir de uma análise mais apurada, esteve, em primeiro

---

[5] SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e Identidade**: as narrativas da piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010, p. 30.

[6] SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *Op. Cit.*, p. 151.

ISBN: 978-85-98711-10-2

lugar, a possibilidade de compreender as formas através das quais setores da sociedade piauiense retomam e reelaboram as imagens dos mitos fundadores que, segundo uma estereotipia já consolidada, seriam responsáveis pela construção de uma pretensa identidade sertaneja para a região; em segundo lugar, a crença de que o filme seja campo fértil à investigação do porquê desse "retorno às origens" está revestido de uma carga emocional negativa; por último, o filme revela-se como um dos mecanismos em que os indivíduos têm a possibilidade de refigurar suas experiências com o tempo, materializando-o por meio do tecer de narrativas.

Com relação à localização temporal do objeto dessa pesquisa, vale destacar alguns elementos interessantes, os quais foram devidamente observados em momentos oportunos da escrita. Primeiramente, embora o lançamento do filme tomado como mote para essa pesquisa só tenha ocorrido em 2001, a imprensa local passa a noticiar e agenciar expectativas a seu respeito desde 1997 e estende seus comentários até, pelo menos 2003, quando ocorre a estreia do mesmo no Canal Brasil. Dessa forma, as fontes trabalhadas e as discussões levantadas têm como recorte temporal o intervalo que se estende de 1997 a 2003. A título de informação, durante a pesquisa, tive acesso a mais de uma centena de matérias de jornais e revistas impressos, aproximadamente trinta programas televisivos e mais de três horas de entrevistas dos realizadores do filme nas rádios piauienses, o que demonstra o alcance e a importância dada pela imprensa local a *Cipriano*.

A frieza das datas revela muito pouco, ou quase nada, do quão fértil em termos de disputas ideológicas foram esses anos que marcaram o final do século XX e o início do XXI. Em nivel nacional, houve toda uma política de celebração dos 500 anos do descobrimento do Brasil o que, por sua vez, fez surgir discursos e iniciativas de valorização da memória e da identidade nacional. Por outro lado, também a nível nacional, a partir de meados da década de 1990 houve uma euforia quanto as possibilidades da produção cinematográfica brasileira.

A nivel de Piauí, os anos entre 1997 e 2003 não se mostraram menos férteis em expectativas e discussões. Primeiramente, os setores responsáveis pelo financiamento e divulgação dos bens culturais no estado, tanto da iniciativa pública quanto da privada, cuidaram de acompanhar a valorização da memória e da identidade nacional, mas com o

ISBN: 978-85-98711-10-2

grande diferencial de quererem, no interior desses discursos de nação, marcar as particularidades da memória e da identidade do Piaui, do seu povo e da sua cultura. Em segundo lugar, há, no Piaui, o surgimento de uma situação bem particular: ao mesmo tempo em que a década de 1990 marcou a criação de novos e o fortalecimento de antigos conglomerados de comunicação no estado – estes sempre preocupados em exaltar as belezas naturais, as potenciadades econômicas e as riquezas culturais do lugar –, a população e o poder público do Piauí passam a se ressentir, com cada vez mais frequência, das imagens negativas sempre veiculadas ao estado e ao seu povo pela dita imprensa nacional.

É em meio a essa atmosfera frutífera quanto às questões de ordem cultural e identitária dentro e fora do Piauí que surge *Cipriano* e todo um vasto campo de discursos que tentou vendê-lo como uma produção cultural que tinha a capacidade e o mérito de capturar o que se acreditava como a essência da alma do piauiense e que, por isso, devereia ser ajudado pelo poder público e, literalmente, adotado por todo cidadão por ser um projeto representativo e valorativo de toda uma comunidade. O filme *Cipriano*, ou até mesmo a simples possibilidade da sua realização, acabou por virar uma espécie de objeto de disputas e, sobretudo, munição para denunciar e atacar o que se acreditava como sendo uma mentalidade tacanha dos políticos e dos empresários locais que não valorizariam uma produto da terra. Nesse sentido não e de se estranhar que *Cipriano* tenha sido noticiado em espaços reservados tradicionalmente reservados às esferas sociais as mais diversas: a cultura, política, economia e eventos sociais.

Mais do que desenvolver uma extensa discussão acerca das questões que envolvem a construção e a afirmação de identidades, considero oportuno tecer algumas considerações de como essa chave-conceitual foi utilizada na pesquisa. Ao contrário do que possa parecer, as análises do filme *Cipriano* não foram direcionadas no sentido de tentar encontrar em seu interior, ou mesmo em comentários e críticas a ele vinculadas, as marcas de uma "verdadeira identidade" para a cultura sertaneja brasileira ou piauiense; ao contrário, as análises objetivaram compreender como o filme dialoga com os elementos que nas referências já alicerçadas na cultura nacional e local configurariam o que se acreditou ser o cerne de uma "piauiensidade" – nesses discursos a "piauiensidade" são elaborados como sinônimo de "nordestinidade" e "sertanejidade".

ISBN: 978-85-98711-10-2

Objetivou-se, sobretudo, perceber como os discursos que colocavam *Cipriano* como sendo um registro cinematográfico da identidade cultural piauiense, na verdade, funcionaram como elemento construtor dessa mesma ideia de identidade.

Durante a pesquisa, tornou-se perceptível que os discursos estruturados em torno do filme – tanto pela equipe produtora, quanto por membros da imprensa e agitadores culturais do estado e de outras regiões – nem sempre parecem ter levado em consideração os limites do filme em relação às interpretações que poderiam autorizar sua narrativa. Assim, criou-se uma expectativa de que o mesmo possibilitaria ao piauiense "olhar para o seu próprio umbigo", "ver sua cara refletida no espelho" e "se reconhecer nas telas de cinema". Esses discursos foram constantes em matérias de jornais e programas de entrevistas, chegando ao nível de parecer haver a necessidade de o diretor – aparentemente preocupado com o tom localista que as declarações estavam assumindo – dar explicações públicas, se posicionando contra um possível sentimento bairrista.

É interessante perceber a forma como foi sendo construída a ideia de que o filme não seria produto, um bem, de um homem ou de uma equipe, mas de todo o povo piauiense. Tanto quanto isso, é interessante verificar como ao longo de cinco anos se tentou construir a ideia de que todo o estado deveria estar unido em torno da realização do filme. Há que se destacar, a título de exemplo, algumas manchetes e frases postas em destaque na capa ou no interior de matérias publicadas pela imprensa piauiense sobre *Cipriano*:

> O Piauí está definitivamente acertando o passo com o resto do mundo. Pelo menos quando o assunto é sétima arte.[7]
>
> Só agora o pobre e tão esquecido Piauí tem condições de fazer o seu primeiro longa-metragem.[8]
>
> Sentindo o cheiro de estréia! A sociedade do Piauí precisa entender que esse é um projeto de todo cidadão piauiense e que todos devem juntar esforços.[9]
>
> O que falta é um pouco de bairrismo![10]

---

7 *Jornal O Dia*. Teresina, 21 de maio de 1997. p. 8

8 *Jornal Meio Norte*. Teresina, 20 de outubro de 1998. p. 3.

9 *Jornal Diário do Piauí*. Teresina, 18 de dezembro de 1999, p. 18.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Cipriano estréia em março: o filme é um marco na cultura local, que engrandece e orgulha a alma dos piauienses.[11]
>
> De repente, assistir a Cipriano passou a simbolizar um ato de amor ao Estado, a sua cultura.[12]

Em uma das primeiras entrevistas após o lançamento do filme, o diretor Douglas Machado rebate as críticas feitas ao fato do filme ser de difícil compreensão para a maioria das pessoas:

> É um filme de arte, autoral e difícil. Agora, esse filme é difícil porque o povo brasileiro não se detém a pensar que nós precisamos refletir sobre a nossa raça, as nossas raízes e a nossa cultura. E o fato de você ter uma média de 90 a 95% de produções americanas nos cinemas brasileiros, que contêm histórias mastigadas, faz com que o povo se distancie do hábito de raciocinar. Um dia, depois de uma sessão do filme no cinema, um senhor veio me perguntar se é preciso ter QI alto para assistir Cipriano. Eu respondi que não, basta saber olhar o seu reflexo no espelho. Se você olhar e não achar que aquelas senhoras enrugadas lembram os nossos antepassados, que as rezas representam os nossos momentos de desespero, você está renegando a nossa cultura [...]. É um filme que exige uma abertura, começa com a história de cada um, suas raízes.[13]

O fragmento transcrito da entrevista concedida por Douglas Machado resume os elementos presentes em várias outras falas do diretor. Nessas palavras, há uma mistura de denúncia do que ele considera uma invasão cultural norte-americana nos cinemas nacionais – o que traria consequências para o tipo de imagem que o brasileiro constrói de si – e, mais uma vez, há a veiculação da imagem de *Cipriano* como uma produção-espelho capaz de refletir aspectos fundantes da identidade cultural piauiense. Entretanto, o que mais parece chamar a atenção é a defesa da obrigatoriedade do público se identificar com a história e as personagens da obra e, consequentemente, quando isso não ocorrer, estaria feita a constatação de que o espectador seria um negador da sua própria cultura – como sugere ser o caso do senhor que interroga o

---

[10] *Jornal Visão*. Piripiri-PI, 19 de agosto de 2000, p. 10.

[11] *Jornal Agora*. Capa Caderno Viver. Teresina, 16 de fevereiro de 2001.

[12] *Jornal Meio Norte*. Teresina, 14 de abril de 2001. p. 2.

[13] MACHADO, Douglas. Entrevista. *Jornal O Dia*. Teresina, 18 de abril de 2001, p. 19.

ISBN: 978-85-98711-10-2

diretor ao final de uma sessão. Nesse sentido, o problema não era com o espelho, mas com o piauiense que não mais reconhecia seu próprio reflexo.

Durante a pesquisa pôde-se perceber que as opiniões do diretor não representavam apenas uma defesa apaixonada e particular de um pai que tenta proteger a sua criação, ao contrário, depoimentos de outros sujeitos que não mantinham uma relação tão próxima e afetiva com o filme revelaram tratar-se de opiniões que reverberavam em setores mais amplos da sociedade piauiense. Um bom exemplo de como esse discurso denunciador da pretensa falta de conhecimento e identificação do piauiense com a sua própria identidade cultural é o pequeno e forte artigo publicado por Gustavo Said, jornalista e professor da Universidade Federal do Piauí:

> [...] o filme resgata traços da cultura popular nordestina na sua feição mais crua, mais humana, mais real. Algumas imagens chocam pelo realismo, e talvez pela estranheza que nos causa o fato de que algo tão próximo de nós possa parecer tão distante. Ou seja: pouco sabemos da nossa identidade nordestina. E o pouco que sabemos, desprezamos. Realmente Cipriano não é um filme para americano ver [...] e por isso deve ser visto com outros olhos. Se Cipriano é complexo, difícil de entender, o que dizer de nós, que pouco conhecemos dos nossos sonhos e devaneios e, principalmente, de uma identidade regional perdida que, contra o tempo, teima em habitar estes mesmos sonhos? Cipriano já cumpriu o seu papel. A mim, me deu o gostinho de ter um filme feito aqui, com gente daqui e, principalmente, sobre nós mesmos.[14]

O texto de Gustavo Said resume algumas das questões já tratadas aqui acerca dos discursos agenciados por *Cipriano*, agora de forma mais clara e contando com o respaldo de um respeitado intelectual do estado. Primeiramente, há a defesa da ideia recorrente de que o filme retrata aspectos culturais do piauiense, do sertanejo e do nordestino, ainda que estes não saibam reconhecer esse mérito ou simplesmente desprezem a possibilidade de entender e valorizar sua própria cultura. Em seguida, ainda que de forma bastante sutil, há o reforçamento da tese de que o filme possui uma linguagem peculiar, feita para ser vista não pelos olhos do estrangeiro – aqui materializado na metáfora do norte-americano –, mas pelo olhar do homem local, conhecedor e valorizador da sua cultura regional; Said ainda aproveita para valorizar

[14] SAID, Gustavo. Cipriano e o sertão revisitado. In: *Jornal Meio Norte*. Teresina, 11 de abril de 2001, p. 2.

ISBN: 978-85-98711-10-2

esse regionalismo como uma identidade forte que, "contra o tempo", teima em não desaparecer. Finalmente, retoma-se a defesa de que o projeto de *Cipriano* valeu por si só; valeu por ser uma produção local, que fala do povo e da cultura local. Mais uma vez, tem-se um discurso a defender que o problema não era com o filme, mas com o público que já se mostrava desconhecedor e renegador da sua própria cultura.

Esses discursos valorativos de *Cipriano* – agora em triplo sentido: além de se afirmá-lo como produto regional, passou a encará-lo como sendo um bom e corajoso exercício de experimentação no cinema e, também, um denunciador do desconhecimento por parte do grande público das tradições culturais piauiense, sertanejas e nordestinas –, da mesma forma como ocorreu em outros momentos, vieram entrelaçados a discursos identitários de exaltação do estado e do seu povo. Se parte significativa da imprensa e os próprios realizadores do filme passaram a defendê-lo contra os ataques que o criticavam por ser incompreensível, alegando que o problema estava no desconhecimento e na não identificação do espectador com sua própria cultura, outra parte, também significativa, da imprensa piauiense detectou nessas críticas feitas a *Cipriano* um indício da falta de amor ao próprio estado do Piauí.

Ao final desse breve texto/apresentação, por sua vez, fruto de uma reflexão mais ampla e fundamentada, espero ter deixado claro a problemática que move minha pesquisa e, sobretudo, as fontes, as questões e as possibilidades que podem surgir da relação entre a História e o Cinema. Por ser uma pesquisa ainda em construção e, principalmente, por ser uma comunicação que busca dar conta dos percursos e indagações de um pesquisador não tenho a pretensão de finalizar as discussões ou apresentar um desfecho que tenha a capacidade de descortinar todas as relações de poder que envolveram a realização daquele que se aceita como sendo o primeiro longa-metragem do estado do Piauí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

A volta por cinema do filme Cipriano. In: *Jornal Diário do Povo*. Capa do Caderno Galeria. Teresina, 15 de fevereiro de 2001.

ISBN: 978-85-98711-10-2

ALVES, Katiúscia. Luz, câmera: cinema piauiense em ação. In: *Jornal O Dia*. Caderno Metrópole. Teresina, 29 de janeiro de 2006, p. 4.

E o cinema do Piauí? Jornal Meio Norte. Teresina, 5 de fevereiro de 1999.

JALES, Suzane. Cipriano, o filme. In: *Revista Detalhes*. Teresina, 1998, p. 19.

Jornal Agora. Capa Caderno Viver. Teresina, 16 de fevereiro de 2001.

Jornal Diário do Piauí. Teresina, 18 de dezembro de 1999, p. 18.

Jornal Meio Norte. Teresina, 14 de abril de 2001. p. 2.

Jornal Meio Norte. Teresina, 20 de outubro de 1998, p. 3.

Jornal O Dia. Teresina, 21 de maio de 1997, p. 8.

Jornal Visão. Piripiri-PI, 19 de agosto de 2000, p. 10.

MACHADO, Douglas. Entrevista. *Jornal O Dia*. Teresina, 18 de abril de 2001, p. 19.

SAID, Gustavo. Cipriano e o sertão revisitado. In: *Jornal Meio Norte*. Teresina, 11 de abril de 2001, p. 2.

SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. História e Identidade: as narrativas da piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010..